

A REPÚBLICA NADA SERENA DE MACHADO DE ASSIS

MACHADO DE ASSIS'S REPUBLIC IS NOT SO SERENE

Patrícia Andréa Borges¹

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: O propósito neste artigo é percorrer o conto *A Sereníssima República* (publicado em 20 de agosto de 1882, na *Gazeta de Notícias*), procurando estabelecer alguns pontos com o livro *Papéis Avulsos*, no qual ele se insere e dialoga com os outros contos, publicados no mesmo ano. Este livro marca a importância da incursão de Machado na denominação realista, sendo para alguns críticos um marco no que tange aos seus contos realistas. Os textos que compõem este livro têm cunho mais críticos à sociedade brasileira do século XIX e toda a sua estrutura sócio-político-econômico. O conto perpassa pelas dificuldades de se estabelecer um novo modo de governo, no caso, o sistema republicano que se insere no Brasil, para o qual Machado não é “muito fã”, por isso “tece” toda sua “teia” de críticas, alertando às suas imperfeições e às corrupções, as quais, principalmente hoje, são tão modernas e evidentes à sociedade brasileira.

Palavras-chave: Machado de Assis; República; Realismo; Literatura Brasileira;

Abstract: The purpose of this article is to go through the short story *A Sereníssima República* (published on August 20th, 1882 in the *Gazeta de Notícias*), seeking to establish some points with the book *Papéis Avulsos* in which he inserts himself and dialogues with the other short stories published in the same year. This book marks the importance of the incursion of Machado in the realist denomination, being for some critics a landmark in what concerns to his realistic tales. The texts that compose this book have a more critical character to the Brazilian society of the nineteenth century and all its socio-political-economic structure. The story runs through the difficulties of establishing a new mode of government in this case the republican system that is inserted in Brazil, for which Machado is not “biggest fan”, so he “weaves” all his “web” of criticism, their imperfections and corruptions, which especially today are so modern and evident to Brazilian society.

Keywords: Machado de Assis; Republic; Realism; Brazilian literature.

Submetido em 13 março de 2019.

Aprovado em 15 de agosto de 2019.

INTRODUÇÃO

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: pattyaborges@gmail.com.

Antes de entrarmos especificamente no debate do texto, precisamos contextualizá-lo nas perspectivas das críticas que se estabeleciam e se (re)formavam e que eram exatamente o objetivo do autor: forjar esse diálogo ideológico entre a literatura e sociedade (realidade). O Brasil Império, no seu início, servia aos interesses do açúcar – interesses conservadores, que favoreciam os que já estavam no poder. Já os fazendeiros de café precisavam de novas leis, de um novo modelo político. Precisavam, enfim, das rédeas do poder.

Ao tempo que o Brasil proclamava a República e abolia a escravatura, a Europa vivia outro estágio social, com grau bem maior de participação popular. A França, de onde nos vinham os modelos culturais, já tinha feito sua revolução no século anterior. A burguesia francesa estava, portanto, solidamente implantada no poder, poder esse com que sonhava nossa pobre burguesia aprendiz.

Foi muito natural, portanto, que surgisse na França e no resto da Europa (Portugal, por exemplo) uma literatura de defesa do operariado, nos quais seus problemas eram expostos sem retoques. Natural também foi o abandono das velhas posições românticas², que tanto haviam ajudado a consolidar a sociedade burguesa. Começou assim a vir abaixo meio século de cultura romântica.

Essas ideias chegaram ao Brasil bem cedo³ e sem a necessária adaptação, pois o Brasil era composto de sociedade latifundiária fundamentada no trabalho escravo, sem uma base social burguesa ou operariado, refletindo a disparidade entre a nossa sociedade escravista e as ideias do liberalismo europeu.

Esses conceitos estruturais de sociedade foram compostos e construídos por meio da cultura romântica europeia. O Brasil era uma sociedade arcaica e escravocrata, com veleidades às vezes radicais, sempre deslocadas e fora do lugar. Sem uma classe operária que entendesse a profundidade das transformações. A burguesia essencialmente nova “coexistia”, mas não “existia” para os Barões do Café. Ela não tinha importância nem tinha poder.

Escancarar, distorcer, retratar (mais ou menos ou de um jeito ou de outro) essas

² Já não cabia mais falar sobre a natureza idealizada e que o amor vence todas as barreiras sociais, econômicas e culturais. A Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial vieram para ressignificar o *status quo*. O objetivo era a ampliação do mercado consumidor com a libertação de escravos em vários lugares do mundo, além a inserção de crianças e mulheres nos trabalhos das fábricas para aumento da produtividade. Ideias não mais cabíveis ao Brasil de José de Alencar.

³ Cedo proporcionalmente, pois devemos nos lembrar de que a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) tem vinte três anos de diferença em relação às *Fleurs du Mal* (1857) de Charles Baudelaire.

distorções histórico-sociais entre o Novo e o Velho Mundo é a verve da literatura brasileira. Neste período específico (e em função de todas as novas teorias sociais-econômicas) a literatura começou a alterar o seu perfil: de romântica para uma visão, digamos, mais cruel (de cru); à defesa e exaltação do casamento, seguia-se à crítica e a denúncia do adultério. Dos salões requintados, elegantes e finos, aos ambientes pobres, toscos, miseráveis, fétidos. Ao amor espiritual e metafísico, seguiu-se a descoberta do sexo, de sua patologia, de seus desajustes. À linguagem inflamada e exuberante, seguiu-se à contenção da forma, às tentativas de exatidão e de detalhe. Em resumo, ao romance produzido para divertimento, seguiu-se o romance engajado na luta social e política; à literatura-lazer, seguiu-se literatura-denúncia; ao romance romântico, seguiu-se o romance naturalista. Era a virada do romantismo para o realismo. No Brasil, este movimento foi concomitante: o Realismo teve como "certidão de nascimento" o romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881. No mesmo ano, "nasceu" também o Naturalismo, com Aluísio de Azevedo e o seu *O Mulato*.

Mas a virada europeia veio de longe e devagar. O que as datas marcam é a "oficialização", quando avesso já é direito. Esse papel de marco histórico na literatura mundial cabe ao livro *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, escrito em 1857. Esse romancista francês escandalizou os leitores de seu tempo escrevendo uma história de adultério e, mais do que isso, uma história em que as concepções românticas da personagem são vistas como responsáveis por sua infelicidade e por sua degradação.

Um pouco depois, Émile Zola, outro escritor francês, foi além de Flaubert. Em seus romances mostrou, pormenorizado e sem retoques, toda a miséria da vida operária. O impacto social de sua obra foi imenso. A época era de conscientização popular, com as massas operárias reivindicando melhores salários, melhores condições de trabalho, uma vida mais justa. E a literatura, aliando-se a essas lutas, veio trazer para a poltrona dos leitores, problemas políticos e sociais, a violência da pobreza e da miséria na ordem burguesa.

Esses temas serão desenvolvidos aqui, todavia, de forma breve. Esse conto de Machado pode ser lido e relido de várias maneiras: de forma social, política e/ou antropológica. Por isso, faremos uma breve leitura política, mostrando como o narrador via a sociedade brasileira, sua forma de governo e como se poderia instaurar a República nesta sociedade nova que se forma, mantendo o antigo e o arcaico na raiz de sua história e na cultura.

Os problemas políticos (objeto direto de *A Sereníssima República*) apontados pela forma de governo machadiana são extremamente atuais, mostrando um autor visionário da alma humana, com toda sua corrupção política e pela ganância de poder.

1. MACHADO E O BRASIL NO SÉCULO XIX

Machado viveu no período de transformação do Brasil, não só transformação política, mas também, literária. Caiu o Império, surgiu a República, acabou o tráfico de escravos e, algum tempo depois, a própria escravidão; entramos e saímos da Guerra do Paraguai, Floriano assumiu e abandonou o governo.

O Brasil econômico era agrícola: açúcar e café eram os produtos nacionais. Livros, máquinas, roupa, calçados, escravos, tudo vinha de fora. Os negros custavam dinheiro e davam despesas. Por isso, com um “empurrãozinho” da Inglaterra, limitou-se e depois se aboliu o tráfico. Mas restavam os já escravizados que era preciso alimentar: começou-se então a pensar na abolição e no trabalho assalariado. O Ceará foi o primeiro a abolir a escravatura, seguiu-se: Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários e, finalmente a Lei Áurea.

Mas, até ocorrer a Abolição, fortaleceu-se o café, outro capítulo de nossa economia, que começava a dar altos lucros, maiores do que os da cana. O café não era movido a braço escravo: era plantado e comercializado em bases diferentes, mais modernas, de perfil capitalista. Não bastava ter terras planas para plantar: era preciso dinheiro para comprar mais terras e máquinas, para aguentar os anos de crescimento da planta, para estocar, para levar produto aos portos. E a Inglaterra financiou o café brasileiro.

Depois veio a República e tudo ficou, permaneceu como sempre. O Brasil continuava sem indústrias, importando o que consumia e, também dependente, reproduzindo os modelos de pensamento e crítica europeias, às vezes liberais e/ou subversivas, como as ideias da República.

2. A REPÚBLICA NADA SERENA DE MACHADO DE ASSIS

O conto versa sobre um curioso, o Cônego Vargas, que resolve contar a experiência que teve ao observar por bastante tempo a organização de uma sociedade aracneida, propondo-lhes, inclusive, uma organização governamental. E, a partir dessa experiência empírica, o autor vai narrando as mazelas sociais das quais as aranhas se

subjugam e passam a adquirir qualidades antropomórficas menos louváveis, posto que elas tentam de tudo para burlar as eleições que sempre surgiam.

Ao se iniciar a leitura do conto *A Sereníssima República* é possível notar uma ironia já presente nesse superlativo “sereníssima”, pois o que o conto apresenta é uma formação republicana nada serena ou tranquila. Com o decorrer do conto, percebem-se tentativas de eleições que se seguem, todas bem fraudulentas, impossibilitando, assim, a instauração de uma forma de governo que seja de acordo com a sociedade a que ela representa.

A palavra república vem do latim, *res publica*, que significa “coisa pública”. Em sua primeira acepção, a “coisa pública” é algo que é de todos e cuidado por todos, já que é público, é de interesse social. Todavia, essa “república sereníssima” de Machado há de demonstrar que a “coisa pública” que é de todos, na verdade é usada para o particular, em que a concepção de público toma o lugar de que não é de ninguém, por isso, pode ser usado em benefício próprio.

A sociedade formada por aranhas, do conto, reconhece no narrador, Cônego Vargas, como seu ‘deus’ e porque anotava observações sobre esta sociedade tão ímpar em um livro, as aranhas achavam que este livro era um registro de “seus pecados” o que as faziam agir de forma mais virtuosa possível, já que achavam que podiam “ser condenadas” por suas atitudes. Sendo assim, lança mão de mais uma ironia, desta vez contra a religião e ao catolicismo, já que apenas a crença na condenação poderia melhorar as “virtudes” daquela sociedade.

Para que houvesse uma consolidação daquela comunidade recém-descoberta, Cônego Vargas decide que as aranhas, por terem língua própria e serem organizadas socialmente, merecem uma forma de governo. Para tanto, não pode ser uma forma em utilização, precisa ser arcaica, para que a crítica seja eficaz. É preciso trazer novidade àqueles “seres fantásticos”, algo que seja capaz de trazer organização política àquela sociedade.

Arcaica e atual, pois, em sua publicação, 1882, já havia um movimento abolicionista e republicano que culminaria com a Abolição da Escravatura, em 1888, e com a Proclamação da República, em 1889. A crítica se perfaz pelo surgimento ao movimento, como estava sendo organizado e recebido pelo povo brasileiro. Machado, com sua sociedade de aranhas aparentemente incorruptível, emula a alma humana demonstrando que aquela forma de governo não seria a certa, não traria uma sociedade

justa, posto que provavelmente a ganância pelo poder corromperia a qualquer um, inclusive as aranhas.

A análise, neste ponto, sugere uma posição interessante do autor ao seu contexto histórico: podemos dizer que Machado de Assis, por mais que (re)afirme a República como sistema ideal (no conto e para as aranhas), sua posição política é monarquista e no conto há esta deixa. As aranhas são uma metáfora do povo; a forma de governo que se institui é uma amostra de que a República não serve (talvez sirva - se for uma república autocrática). Essa mensagem está implícita no texto, se pensarmos que o Cômego é o Doge de Veneza. Portanto, há dureza na crítica ao sistema:

Não bastava associá-las; era preciso, *dar-lhes um governo idôneo*. Hesitei na escolha; muitos dos atuais pareciam-me bons, alguns excelentes, mas todos tinham contra si o existirem. Explico-me. Uma forma vigente de governo ficava exposta a comparações que poderiam amesquinhá-la. *Era-me preciso, ou achar uma forma nova, ou restaurar alguma outra abandonada*. Naturalmente adotei o segundo alvitre, *e nada me pareceu mais acertado do que uma república*, à maneira de Veneza, o mesmo molde, e até o mesmo epíteto. *Obsoleto*, sem nenhuma analogia, em suas feições gerais, com qualquer outro governo vivo, cabia-lhe ainda a vantagem de um mecanismo complicado, - o que era *meter à prova as aptidões políticas da jovem sociedade*. (Grifo nosso) (ASSIS, 1994, s/p)

No excerto é possível perceber que a personagem pensa em um “governo idôneo” para essa sociedade incorruptível das aranhas, porém pensa em restaurar uma forma obsoleta, a “república”, mas, que mesmo assim, sabia que seria um desafio, já que colocaria em destaque a fragilidade a honestidade de uma sociedade politicamente jovem e imatura.

E, completando:

Outro motivo determinou a minha escolha. Entre os diferentes modos eleitorais da antiga Veneza, figurava o do saco e bolas, iniciação dos filhos da nobreza no serviço do Estado. Metiam-se as bolas com os nomes dos candidatos no saco, e extraía-se anualmente um certo número, ficando os eleitos desde logo aptos para as carreiras públicas. Este sistema fará rir aos doutores do sufrágio; a mim não. Ele exclui os desvarios da paixão, os desazos da inépcia, o congresso da corrupção e da cobiça. Mas não foi só por isso que o aceitei; tratando-se de um povo tão exímio na fiação de suas teias, o uso do saco eleitoral era de fácil adaptação, quase uma planta indígena. (ASSIS, 1994, s/p)

Com essa citação, fica clara a referência à “Sereníssima República de Veneza”, que durou do século IX, com a expulsão dos piratas, até o século XVIII, mais precisamente em 1797, com a invasão napoleônica. Sua forma de governo era a República

Autocrática⁴, sendo o doge⁵ o seu representante máximo. Durante o período de existência ocorreram várias modificações, dentre elas, o envolvimento da aristocracia (1223), até culminar nos “Inquisidores do Estado” (1539), mais tarde conhecidos como Supremo Tribunal, que eram escolhidos para comporem o Conselho dos Dez.

Talvez seja possível inferir sobre um aspecto da biografia do autor que justificaria essa posição paternalista: mulato, filho de uma escrava da corte, criado como branco na corte. Sua preferência aos ingleses, em geral, poderia sugerir um modelo de monarquia constitucional - muito próximo também do modelo republicano sugerido na *Sereníssima*.

O Machado que se caracteriza neste conto é um escritor mais maduro, pois já está consagrado enquanto romancista; sendo assim, desnuda as falsas virtudes, os interesses escusos, o ceticismo quanto à sociedade e à natureza humana. Suas frases curtas têm longo alcance, que faz o leitor dar um sorriso de descoberta, de conivência, de piedade, de reconhecimento. Ele constitui o avesso de uma vida socialmente digna e respeitável, despindo suas mesquinhas, as indecisões, o oportunismo disfarçado, a falsa devoção e a moral de fachada. E isso é independente de sua posição política.

Cônego Vargas é um narrador em primeira pessoa que anuncia o objeto de sua carta ser uma resposta a uma reportagem do jornal *O Globo* – jornal de orientação republicana e de tendência cientificista. John Gledson observa que é muito provável que o artigo mencionado pelo cônego no conto e atribuído à publicação no Jornal *O Globo* não tenha realmente existido e conclui que a citação desse artigo é uma sátira ao jornal e às diversas propostas eleitorais discutidas em 1881, na época da Lei Saraiva, “que tentou alterar práticas eleitorais corruptas, e que no processo restringiu consideravelmente o eleitorado” (GLEDSON, 2006, p.71). Assim como no livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, o qual faz uma crítica muito similar, na figura do Doutor Lobo, o “esquálido gramático”, contra o jornal e sua posição positiva. E é

⁴ “Historicamente se refere ao Império Bizantino em que o imperador se denominava *autocrator*, o que significava que seu poder era supremo, absoluto, ilimitado com relação a qualquer instituição terrestre e dado somente por Deus. Era um governo total sobre a sociedade porque controlava o domínio temporal e espiritual. A história do termo se prolongou após o fim do Império Bizantino com a adoção pela Rússia da ideologia imperial de Bizâncio. [...] Politicamente, autocracia é um termo que denota um tipo particular de governo absolutista, tendo um sentido restrito e outro mais amplo. O restrito e mais exato reporta-se ao grau máximo de absolutismo na personalização do poder. O sentido amplo é de um governo absoluto com poder ilimitado sobre os súditos, que apresenta uma grande autonomia em relação a qualquer instituição e aos governados. O chefe de estado absoluto é autocrata, portanto, não há força social capaz de limitar explícita e implicitamente os seus poderes políticos”. (Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1178771>>. Acesso em: 02 Ago. 2019)

⁵ Magistrado eleito das antigas repúblicas de Veneza (697-1797) e Gênova (1339-1797 e 1802-1805) que exercia um poder quase absoluto; Do lat. *dux, ùcis* 'condutor, diretor, guia. Fonte: Houaiss.

considerando o contexto dessa sátira ao cientificismo do jornal *O Globo* que Machado questiona o materialismo científico presente na época, quando faz o cômico Vargas embasar a sua descoberta numa citação de Darwin e Büchner, reputando-os “sábios de primeira ordem”, mas sem absolver “as teorias gratuitas e errôneas do materialismo”. Muito mais do que criticar o cientificismo da época, Machado coloca o cômico no mesmo nível desses cientistas e do inglês que fez a descoberta, objeto da reportagem do jornal.

O autor questiona, mas não se posiciona, deixa em suspenso o juízo de valor, de acordo com Antonio Candido:

Era também um eco do ‘conte filosofique’, à maneira de Voltaire, e era sobretudo o seu modo próprio de deixar as coisas meio no ar, inclusive criando certas perplexidades não resolvidas.

“Curiosamente, este arcaísmo parece bruscamente moderno, depois das tendências de vanguarda do nosso século, que também procuram sugerir o todo pelo fragmento, a estrutura pela elipse, a emoção pela ironia e a grandeza pela banalidade. Muitos dos seus contos e alguns dos seus romances parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre com os nossos contemporâneos. (CANDIDO, 1995, s/p)

A personagem principal dessa República são as aranhas, cuja espécie citada por Machado parece ser a *Phoneutria sp*, catalogada em 1833, tendo sido a subespécie *Phoneutria nigriventer*⁶ ou *Phoneutria keyserlingi*⁷, bastante comum do Espírito Santo até Buenos Aires e nas baixadas fluminense e santista, catalogada em 1891 por Keyserling⁸; também conhecida como Armadeira ou Aranha da banana. Segue a descrição machadiana e em seguida a foto da *Phoneutria sp*: “Era tão vasta, tão colorida, dorso rubro, com listras azuis, transversais, tão rápida nos movimentos, e às vezes tão alegre, que de todo me cativou a atenção.” (ASSIS, 1994, s/p)

⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Phoneutria_nigriventer>. Acesso em 02 ago. 2018.

⁷ Disponível em: <<https://bibliotecadigital.butantan.gov.br/arquivos/63/PDF/14.pdf>>. Acesso em 02 ago. 2019.

⁸ Disponibilizado por National Center for Biotechnology Information, U.S. National Library of Medicine: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/Taxonomy/Browser/wwwtax.cgi?lin=s&p=has_linkout&id=6918>. Acesso em 02 ago. 2019.



*Phoneutria sp*⁹

A única diferença entre este tipo de aranha e as do conto de Machado de Assis é que estas não produzem teias e as do conto, sim. São, inclusive, os formatos das teias que as diferenciam politicamente.

A sociedade de aranhas descrita por Machado é, sem dúvida, uma metáfora da sociedade brasileira do século XIX. De acordo com Machado de Assis:

Não direi, senhores, que a obra chegou à perfeição, nem que lá chegue tão cedo. Os meus pupilos não são os solários de Campanella ou os utopistas de Morus; *formam um povo recente, que não pode trepar de um salto ao cume das nações seculares.* (...). O que posso afirmar-vos é que, não obstante as incertezas da idade, eles caminham, dispondo de algumas virtudes, que presumo essenciais à duração de um Estado. Uma delas, como já disse, é a perseverança, uma longa paciência de Penélope, segundo vou mostrar-vos?. (Grifo nosso) (ASSIS, 1994, s/p)

A análise deve-se iniciar pelas cores, descritas acima, que estão presentes na bandeira brasileira do Império, mais precisamente no brasão da família real, conforme a ilustração abaixo:



⁹ Foto disponível em: <<http://aracnohobbybrasil.blogspot.com/2009/08/sao-aranhas-perigosas-resumo-por-eugene.html>>. Acesso em 02 ago. 2019.

Bandeira Imperial do Brasil de 1822 a 1889¹⁰

O narrador do conto faz uma apresentação peculiar da República, bem enraizada na formação dos partidos políticos do período da Revolução Francesa. As aranhas são divididas pelo desenho que suas teias fazem, ou seja, Partido Retilíneo, Partido Curvilíneo, Partido Reto-Curvilíneo e o Partido Anti-Reto-Curvilíneo, o que perfaz uma crítica aos partidos políticos do período, cuja explicação é dada pelo narrador:

Devo explicar-vos estas denominações. Como eles são principalmente geômetras, é a geometria que os divide em política. Uns entendem que a aranha deve fazer as teias com fios retos, é o partido retilíneo; - outros pensam, ao contrário, que as teias devem ser trabalhadas com fios curvos, - é o partido curvilíneo. Há ainda um terceiro partido, misto e central, com este postulado: - as teias devem ser urdidas de fios retos e fios curvos; é o partido reto-curvilíneo; e finalmente, uma quarta divisão política, o partido anti-reto-curvilíneo, que fez tábua rasa de todos os princípios litigantes, e propõe o uso de umas teias urdidas de ar, obra transparente e leve, em que não há linhas de espécie alguma. Como a geometria apenas poderia dividi-los, sem chegar a apaixoná-los, adotaram uma simbólica. Para uns, a linha reta exprime os bons sentimentos, a justiça, a probidade, a inteireza, a constância, etc., ao passo que os sentimentos ruins ou inferiores, como a bajulação, a fraude, a deslealdade, a perfídia, são perfeitamente curvos. Os adversários respondem que não, que a linha curva é a da virtude e do saber, porque é a expressão da modéstia e da humildade; ao contrário, a ignorância, a presunção, a toleima, a parlapatices, são retas, duramente retas. O terceiro partido, menos anguloso, menos exclusivista, desbastou a exageração de uns e outros, combinou os contrastes, e proclamou a simultaneidade das linhas como a exata cópia do mundo físico e moral. O quarto limita-se a negar tudo. (ASSIS, 1994, s/p)

O sistema de eleição escolhido, baseado na República de Veneza, onde se retirava de um saco de bolas com o nome dos eleitos. Este sistema vai sendo fraudado pelas aranhas, corrigindo-se, adaptando-se e variando-se diversas vezes e diversos modos, eternamente corruptos. Entretanto, é interessante observar que Machado elogia a natureza incorruptível das aranhas: “A aranha, senhores, não nos aflige nem defrauda; apanha as moscas, nossas inimigas, fia, tece, trabalha e morre. Que melhor exemplo de paciência, de ordem, de previsão, de respeito e de humanidade?” (ASSIS, 1994, s/p)

Enquanto os outros bichos citados pelo autor “são o modelo acabado da vadiação e do parasitismo”, as aranhas parecem “modelos de virtudes”. Todavia, o que o conto nos mostra é que a cada sistemática implantada para eleição de seus governantes, todas as vezes se encontrava um modo de fraudar e burlar o sistema, fosse por meio dos discursos retóricos de caráter persuasivos, próprio dos sofistas gregos, fosse por meio da corrupção ativa dos conchavos ou, até mesmo, pela ingenuidade das pessoas que estavam à frente

¹⁰ Disponível em: < <https://www.monarquia.org.br/bandeirashistoricas.html>>.

do processo eleitoral, o que Machado chama de “delitos literários”. O fato é que aquela jovem sociedade, recém-instaurada na república democrática, que elegia seus comandantes por voto direto, era jovem e inexperiente nos assuntos políticos.

Há mais um detalhe a ser destacado: a espécie de aranha descrita pelo autor, a qual se acredita ser a *Phoneutria sp* é comumente chamada de “Armadeira” porque ela se arma levantando as patas dianteiras quando vai atacar sua presa. Pode-se dizer, também, que “armadeira” pode ter a acepção de tramar, arquitetar, maquirar algo. Portanto, a *Phoneutria* (φονεύτρια) que em grego significa “assassina”, também é “armadeira” que trama situações corruptivas na comunidade a qual pertence.

3. “INFELIZMENTE, SENHORES, O COMENTÁRIO DA LEI É A ETERNA MALÍCIA.”

Através deste comentário, Machado demonstra que a corrupção está sendo feita pela interpretação da própria lei, sendo assim, depende de como a lei será lida para ser aplicada. Todavia, não discutiam as leis, e sim, o formato e a confecção das urnas que propiciavam às fraudes nas eleições, de acordo com o Diário do Nordeste, Editorial Verso chamado “A Agitadíssima República” (2006): “Moral do escândalo: as leis são maravilhosamente republicanas, o problema é não ter republicanos para cumpri-las”.

Machado demonstra pela própria estrutura do texto como um discurso político e, por meio da retórica, como persuadir, cita-se aqui a personagem do filólogo que inicia o convencimento do nome do eleito: como Nebraska vira Caneca. A falácia político-discursiva que, por fim, acaba não dizendo nada (ou muito pouco), como um “velho retórico” da *Igreja do Diabo* ou um “Bonzo”, do *Segredo do Bonzo*.

Utilizando-se da alegoria das eleições, em forma de conferência científica, Machado desnuda a alma daquele homem do século XIX e da sociedade da qual está construindo. Em *O Alienista* e *A Causa Secreta*, a Ciência e a Filosofia haviam sido discutidas, inclusive criticando as correntes filosóficas presentes a partir dos anos de 1850, tal como o cientificismo e o determinismo, tão presente nos autores realistas, assim como a Ciência, aliada ao poder político, pode fazer o homem se perder dentro de uma inexplicável variedade de indivíduos.

Percebe-se, todavia, a intencionalidade do autor em escancarar as relações cruéis de opressão entre os iguais, tal como no conto *Pai contra Mãe* ou até mesmo na personagem Prudêncio de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que ao tornar-se escravo

liberto, compra um escravo para dominar. Em *A Sereníssima República* quem representa essa relação díspar são as aranhas, que subjagam e são subjagadas por um sistema político e social marcado pelo autoritarismo, que reproduzem e legitimam a opressão de que são vítimas. Entretanto, o que mais interessa a Machado é retratar e fazer o leitor refletir sobre como o sistema político e eleitoral, as diferenças sociais, a escravidão ou a violência, agregam-se ao cotidiano das relações humanas.

Há personagens no conto que não podem deixar de serem citadas: as aranhas fiandeiras do saco eleitoral, revelando que elas receberam o “título de mães da república, além de outros foros e privilégios”. Mostra-se interessante a participação de alguma forma das mulheres no processo eleitoral, posto que o sufrágio feminino no Brasil só ocorreu em 1932. Porém, há uma história na Grécia Antiga que demonstra que houve um tempo em que as mulheres votaram, anterior a proclamação do sufrágio universal mundial¹¹. Além do mais, são comparadas à Penélope, de Odisseu (ou Ulisses, para os romanos), que de dia costurava o tapete e à noite o desmanchava, para ganhar tempo com os pretendentes, aos quais, havia prometido que quando terminasse o tapete, escolheria um entre eles para se casar. No conto, é exaltada a paciência de Penélope, que deve ser a mesma das fiandeiras do saco eleitoral:

-Vós sois a Penélope da nossa república, disse ele ao terminar; tendes a mesma castidade, paciência e talentos. Refazei o saco, amigas minhas, refazei o saco, até que Ulisses, cansado de dar às pernas, venha tomar entre nós o lugar que lhe cabe. Ulisses é a Sapiência. (ASSIS, 1994, s/p)

Todavia, quem conta a história de Odisseu e Penélope às fiandeiras é Erasmus, para a qual se faz a referência a Erasmo de Rotterdam, em seu *Elogio da Loucura*, que pertence a mesma época da República de Veneza e, assim, diz em sua carta-prefácio dirigida a Thomas Morus: “Nada é mais tolo do que tratar com seriedade coisas frívolas, nada mais espiritual do que fazer as frivolidades servirem às coisas sérias¹²”. A Loucura erasmiana, tão cheia de verdade, tão presente na vida e na realidade do homem e

¹¹ Entre os mitos de criação da cidade de Atenas, na Grécia Antiga, está a história que Santo Agostinho conta, citando Varrão, de que dois deuses deram presentes à cidade. O rei Cérops decide convocar a população para votar no presente que fosse mais útil para a cidade, a qual seria batizada com o nome do deus. A deusa Athena deu uma oliveira e Posídon deu uma fonte de água. A votação ocorreu: as mulheres votaram em Athena e os homens, em Posídon. Como havia uma mulher a mais na cidade, ganhou Athena. Entretanto, Posídon ficou tão colérico que puniu as mulheres: elas não poderiam mais votar, seus filhos não poderiam herdar seus nomes e não poderiam ser chamadas de Ateneias. Ou seja: a deusa foi vencedora, mas as mulheres, ao mesmo tempo, perdedoras.

¹² ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 3.

imensamente apologética, aqui representada pela personagem Erasmus, de uma República bem agitada.

4. UMA ESTRUTURA EM CONFLITO

O conto em questão é estruturado no narrador-protagonista (FREEDMAN, 1967), embora essa não seja a forma tradicional para textos do período realista, para os quais, habitualmente os narradores usam oniscientes neutros. Esse narrador se posiciona no conto como um conferencista, afinal de contas, é uma Conferência. Entre várias acepções, a palavra 'conferência' pode assumir: "Rubrica: termo jurídico. Assembleia ou encontro de representantes de diversos Estados (diplomatas, ministros, delegados etc.) para tratar de questões de interesse comum" ou "Derivação: por extensão de sentido. Exposição oral perante um auditório de um tema da especialidade do orador; palestra, aula" ou "Rubrica: religião, retórica. Oração pronunciada no púlpito por um predicante sobre questões de dogma e/ou moral; sermão" (HOUAISS, 2003). Os três sentidos podem ser aplicados aqui: Cônego Vargas como um Chefe de Estado, em uma tribuna parlamentar, lançando mão de um discurso político e retórico. Mas também, pode-se caracterizá-lo como um "conto teoria", para o qual, a utilização de parábolas e o seu cunho pedagógico e apologético se prestam para fazer crítica à situação sócio-político-econômico do país e ensinar. É moral e é uma bela alegoria que o narrador se utiliza para se posicionar sem se comprometer. Nessa questão Machado é um artífice: ele não se posiciona, não se compromete, deixa tudo em suspenso... "A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus." (ASSIS, 1971, p. 10)

Ainda na estrutura, destaca-se a forma de descrição da qual Machado faz uso: enquanto os realistas fazem descrições minuciosas dos ambientes (realistas) e do ser humano como um ser biológico (naturalistas), Machado descreve a alma de suas personagens, como um grande "Anatomista da Alma", como um ser psicológico. Esmiúça as mazelas humanas como um exímio conhecedor e o Rio de Janeiro imperial concede uma diversidade de "caracteres tipos" da nobreza e burguesia para confecção das suas personagens. É um "leque de opções".

É essa descrição da alma humana que torna Machado atemporal, podendo ser lido e adequado a qualquer momento da realidade brasileira, pois as pessoas que compõem a sociedade ainda mantêm intrínsecos traços culturais, sociais e econômicos do século XIX.

CONCLUSÃO

O conto de Machado de Assis aborda questões interessantes no que tange à construção de um sistema republicano no Brasil. Muito atento à questão da aplicação de modelos europeus na realidade brasileira do século XIX, Machado pressupõe como seria a república brasileira e seus políticos que, por meio da retórica, ludibriam a ‘boa fé’ do eleitorado, deturpando leis e aplicando-as da maneira que melhor lhes convém. Isso tudo, quase 120 anos antes do ‘mensalão’ e/ou ‘valerioduto’ e 132 anos antes da “Operação Lava Jato”. Um filólogo, no conto, representa essa classe de políticos que prova que política e ética, no Brasil, tanto do século XIX quanto no XXI, não conseguem ‘caminhar lado a lado’.

Machado “desconstrói” e esvazia o que era mais relevante naquele momento histórico: a política, a ciência, a filosofia e o povo. Mas, ao mesmo tempo, ele inocenta as atitudes do povo, pois, o considera ‘jovem’ e crê que ainda chegará a sua sapiência, assim como Odisseu retornou ao lar, ao seu filho e a sua Penélope; trazendo a sua amada Ítaca e ao seu povo, a segurança de seu governo, condizente com o caráter do herói, o qual, por meio de suas artimanhas, trouxe o elemento surpresa que traria a vitória ao povo grego na guerra de Tróia.

Para dar esperança e contar a história de Odisseu, Erasmus “um dos mais circunspectos cidadãos da minha república”, diz Machado. Aqui, pode-se crer que ele seja a representação da Loucura, personagem de Erasmo de Rotterdam, no *Elogio da Loucura*, que certamente poderia ser o pai, de *Teoria do Medalhão* ou o professor do *Apólogo*, trazendo a ‘moral da história’. Ou seja, a Loucura é a grande conselheira desta forma de governo praticada pelas aranhas machadianas. Loucura que, com suas ajudantes: Amor Próprio, Lisonja, Esquecimento, Preguiça, Volúpia, Irreflexão, Languidez, vinculam-se a Verdade, intrínseca de sua natureza.

O gênero do conto que parece superficial e frívolo, por causa da estrutura de conto teoria (conto filosófico), na verdade é de uma profundidade absurda, pois, de forma extremamente simplória, característica da alegoria, que é uma proposta pedagógico-didática (mais eficaz neste tipo de texto), é um elemento de persuasão. Neste breve estudo, podemos perceber que Machado abarca toda a realidade de sua época. Critica e ironiza a filosofia, o cientificismo, a política, o naturalismo de forma mordaz e ácida. Ninguém é poupado. Ele cita nomes e constrói um texto eximamente fundamentado nos grandes

ícones da época, construindo e esvaziando conceitos, que para o leitor desavisado, com o qual Machado dialoga constantemente, passaria de forma fugaz.

Tudo isso é lugar-comum. Mostrar a ironia, a acidez, a crítica de Machado em um conto ou romance, é banal. A graça, entretanto, está em descobrir em cada linha as intenções de Machado e enxergar que a ‘mágica do bruxo’ está em trazer a cada leitura uma forma diferente de enxergá-lo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. A Sereníssima República. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=16968&co_midia=>. Acessado em 25 fev. 2019.

CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 3ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/Esquema_Machado_de_Assis.pdf/at_download/file>. Acessado em: Acessado em 25 fev. 2019.

FRIEDMAN, N. O Ponto de Vista na Ficção: o Desenvolvimento de um Conceito Crítico. *Seção Arquivo*, n. 53, p. 166-82, mar.-mai./02. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33195/35933>>. Acessado em 25 fev. 2019.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva, 2003.

ROTTERDAM, E. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, C.D. A um bruxo, com Amor, in: *Obra completa*. (Estudo crítico de Emanuel de Moraes, fortuna crítica, cronologia e bibliografia). Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.

ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Abril Cultural, 1971.

ASSIS, M. Teoria do Medalhão. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=16968&co_midia=>. Acessado em 25 fev. 2019.

ASSIS, M. Um Apólogo. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.

BARRETO, L. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995.

A AGITADÍSSIMA República. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 22 fev. 2006. Editoriais/Verso. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/agitadissima-republica-1.709359>. Acesso em: 5 ago. 2019.

GLEDSO, J. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

GLEDSO, J. A História do Brasil em *Papéis avulsos* de Machado de Assis. Em: _____. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 70-89.

MEYER, A. *Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Presença/INL/MEC, 1975.

PEREIRA, L. M. Machado de Assis. In: *História da Literatura Brasileira - Prosa de ficção 1870-1920*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973.

RIEDEL, D. C. *Metáfora, o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1974.

SCHWARZ, R. A vira volta Machadiana. In: *Novos Estudos CEBRAP – número 69, julho 2004, pp.15-34*.

SCHWARZ, R. As ideias fora do lugar. In: *Ao Vencedor As Batatas*, São Paulo: Duas Cidades, 1992, 4.^a ed.

VIOTTI, E. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, Livraria Ed. Ciências Humanas Ltda. 1979.